



«SUBIDA DE PREÇO FOI ATRACTIVA PARA OS AGRICULTORES»

Este ano perspectiva-se uma boa campanha para a produção da Agromais. Ao contrário do ano passado, as condições climáticas permitiram a instalação das culturas sem sobressaltos e, à data, a maioria dos associados desta organização de produtores tem praticamente tudo pronto.

Ana Gomes Oliveira

Chegamos à Golegã e os campos dos produtores associados da Agromais parecem fazer parte de um bailado. As campanhas de horto-industriais são planeadas ao pormenor e, entre ervilha, pimento, tomate, batata, brócolo e outros hortícolas para indústria, os campos vão sendo colhidos para dar lugar a outras culturas e os ciclos vão-se sucedendo.

Este ano perspectiva-se uma boa campanha para a produção. Ao contrário do ano passado, as condições climáticas permitiram a instalação das culturas sem sobressaltos e, à data, a maioria dos associados tem praticamente tudo pronto, faltando só os produtores de maiores áreas. «Aliás, até diria que

estamos mais adiantados face ao plano inicial, mas de facto correu tudo na perfeição na altura da instalação, sem atrasos e sem problemas, ao contrário do que tinha sucedido no ano antes», confirma Bruno Moura, responsável técnico da Agromais, cooperativa do Norte do Vale do Tejo que conta com 36 anos de experiência na produção de cereais e hortícolas. Só não fizeram mais, porque os viveiros não tiveram plantas para entregar. «O planeamento é feito em Janeiro e Fevereiro, com cerca de 10 a 12% de plantas à semana». A área de produção manteve-se muito semelhante à do ano passado, que já tinha reduzido bastante com o abandono da

actividade por parte de produtores que não conseguiram sobreviver aos preços baixos das matérias-primas para a indústria.

A negociação com a indústria

Mas este ano, a perspectiva é diferente. «Houve um acréscimo no preço que foi atractivo para os agricultores. Ao mesmo tempo, verifica-se a descida no custo de alguns factores de produção que são determinantes para o sector, nomeadamente na energia e no gasóleo agrícola», destaca Bruno Moura. Além disso, o preço dos adubos também baixou, alguns quase 50% face à campanha passada. Ou seja, na altura das negociações com a indústria – entre Fevereiro e Março – os preços estavam em alta, resultando agora «num preço justo pago à produção». «Este ano, se não houver azar, os produtores têm tudo para ter uma boa campanha», afirma. Bruno Moura confessa que a negociação com a indústria «não foi fácil, mas chegou-se a bom porto». O técnico relembra que o sector da transformação precisava de alcançar um entendimento porque «os seus stocks estavam muito baixos, acabando por compensar mais o desequilíbrio e responder à exigência da produção». Refira-se que os agricultores vinham de anos muito difíceis. «Tínhamos fechado os contratos em Fevereiro, rebentou a guerra na Ucrânia, tivemos acréscimos brutais nos adubos e na energia e as culturas já estavam instaladas. Pouco podíamos fazer. E acabou por ser um ano com-

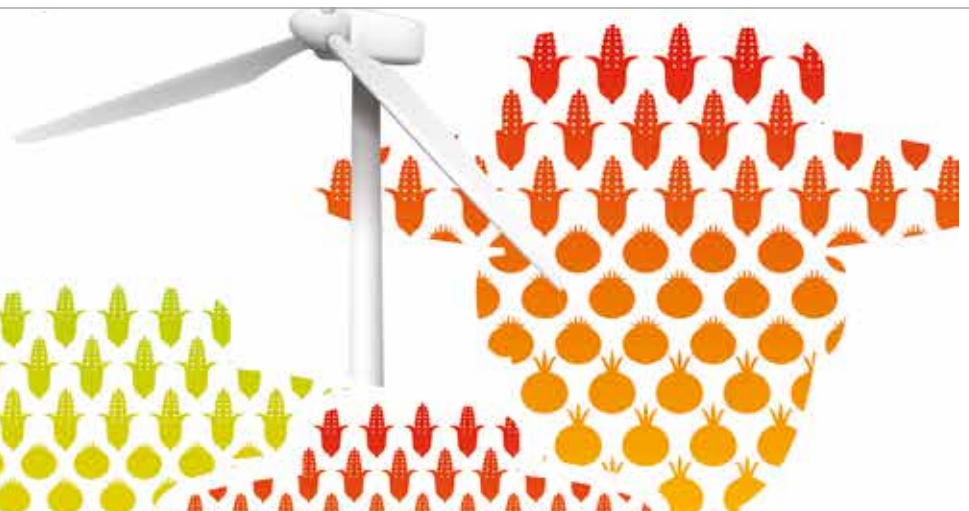
plicado, com uma margem difícil».

Além do maior equilíbrio alcançado no preço dos produtos para indústria, o ano agronómico também tem ajudado. «Temos conseguido reduzir os tratamentos porque não chove e não há humidade. Temos campos que vão já a mais de metade do ciclo e nos quais só fizemos um tratamento fungicida. Inseticida nem foi preciso. Vamos um pouco mais defendidos porque as condições climáticas não são propícias ao aparecimento de fungos», refere Bruno Moura.

Mas as contas não se fazem apenas no campo. A subida nos preços de transporte também impactou no ano passado, situação que a Agromais diz estar bastante melhor este ano. «Os combustíveis baixaram e penso que vamos conseguir negociar valores inferiores com as transportadoras. Não vejo que vá ser um factor limitativo.»

São muitas as culturas horto-industriais trabalhadas pela Agromais. No final dos anos 80, a empresa era já a maior organização de produtores de cereais em Portugal. Mas a realidade do mercado levou-a a procurar outros caminhos, iniciando-se em culturas alternativas, como batata para indústria, brócolo, tomate, pimento, ervilha, cebola, abóbora, e milho para pipocas.

Em 2017, tinham 979 hectares de tomate de indústria, área que foram reduzindo até aos 771 ha. Nesta campanha esperam alcançar as 175 a 180 mil toneladas de tomate, «um pouco mais acima do ano passado». A Agromais conta actual-



www.agromais.pt

Cultivamos um futuro sustentável.

Com mais de 30 anos de experiência e know-how a Agromais distingue-se como a maior organização de produtores de cereais e hortícolas de Portugal.

A nossa atuação assenta em processos de qualidade, em constante inovação tecnológica e em práticas ambientalmente sustentáveis e socialmente responsáveis, procurando maximizar o valor dos produtos comercializados e, dessa forma, a rentabilidade das explorações agrícolas dos nossos associados.

Crescemos em equipa!



www.agromais.pt



mente com cerca de 11 produtores de tomate. A produção de batata de indústria tem estado estabilizada, entre os 350 a 360 hectares, consoante o ano, apostando ainda na cebola, pimento e ervilha. «As campanhas de pimento e de ervilha também têm estado a correr bem. O preço também subiu, aliás, como nos restantes hortícolas para indústria».

Inovação para alavancar produtividade

Estando atenta ao que vai surgindo e procurando uma maior otimização das explorações, a Agromais tem feito todos os anos ensaios com novas variedades, instalando aquelas que dão provas do seu contributo para o mercado. «A própria indústria serve de barómetro, porque uns anos exige mais cor, Brix, mais ou menos viscosidade e, portanto, vamos sempre acompanhando o que surge de novo.» Apesar destas experiências, Bruno Moura diz que há sempre três ou quatro variedades de referência, que continuam a ser as principais. «Depois há outras que também têm o seu espaço, nomeadamente as variedades de cor. Produzem menos do que as de referência em cerca de 20%, mas complementam a produção e são normalmente mais valorizadas, o que acaba por motivar os produtores.»

A par dos aspectos positivos da campanha, persistem as dificuldades de sempre, nomeadamente ligadas à mão-de-obra. Todas as culturas ainda dependem muito da mão-de-obra, onde as limitações são grandes. «No pimento, temos ainda uma grande parte com colheita manual, e é complicado porque não há pessoas. Temos de caminhar para a conversão mecânica desses campos, mas também não é simples, porque ainda não temos variedades que concentrem a maturação,



como já acontece no tomate. No pimento a máquina passa com estágios de maturação diferentes, perdendo-se muito produto», explica o responsável técnico. Por outro lado, a indústria «acaba por não investir tanto no pimento, por representar um mercado muito pequeno quando comparado com o tomate».

O Outono bastante chuvoso permitiu que este ano a disponibilidade de água não fosse uma questão, «mas se o tempo continuar como está, já não podemos saber como vai ser a próxima campanha», conclui Bruno Moura, da Agromais. ●

